

A PROMOÇÃO DA SEGURANÇA ALIMENTAR ENTRE AGRICULTORES FAMILIARES DO ASSENTAMENTO RENASCE – CANGUÇU/RS

HENRIQUE MÜLLER PRIEBERNOW¹;
GIANCARLA SALAMONI²

¹Universidade Federal de Pelotas (UFPel) – henriquempo@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas (UFPel) – gi.salamoni@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

A agricultura familiar apresenta, como característica, uma grande diversidade de combinações, tanto no que se refere à disponibilidade quanto ao uso e distribuição dos recursos – terra, trabalho e capital - no interior das unidades produtivas. Essa diferenciação pode ser observada em diversas escalas, mundial, nacional, regional e local. Dessa forma, ela torna-se foco de estudos, principalmente aqueles relacionados às estratégias adotadas por este segmento para se organizar e reorganizar diante das especificidades do modo de produção capitalista.

Para Wanderley (2009), o agricultor familiar é portador de uma tradição e possui capacidade de resistência aos novos contextos socioeconômicos, mesmo estando inserido nos mesmos. A autora, em seu pensamento, aponta que o desenvolvimento de novas dinâmicas produtivas na agricultura e no rural brasileiro não significa a implantação de uma forma social de produção homogeneizada.

Assim, a diversidade da agricultura familiar permanece ocupando um lugar importante no cenário contemporâneo, ou seja, o agricultor familiar é um ator social que apresenta “rupturas e continuidades” em relação ao seu passado, mas que continua ativo no presente e participando na construção do futuro dos territórios rurais. Vale frisar que o segmento da agricultura familiar possui uma forma singular no interior da sociedade englobante, o qual “[...] se expressa nas práticas sociais que implicam uma associação entre patrimônio, trabalho e consumo, no interior da família, e que orientam uma lógica de funcionamento específica” (WANDERLEY, 2004, p. 45).

Por sua vez, a prática agrícola enquanto uma atividade milenar exercida pelas sociedades humanas, no tempo e no espaço, desempenha várias funções ao longo do processo civilizatório. Partindo da diversidade espacial como a característica principal da agricultura, temos, ao longo da história, o rural organizado distintamente em contextos regionais, atrelando, assim, sistemas agrários a áreas específicas. Constatase, também, a diversificação de funções em diferentes contextos sociais e econômicos, fruto de combinações de agricultores e agriculturas.

Recorre-se, então, à noção teórico-analítica da multifuncionalidade da agricultura familiar, pois a mesma permite compreender essa prática para além do caráter comercial e mercantil a ela associado. Nesta perspectiva, Carneiro e Maluf (2003) apontam que esta ideia rompe com o enfoque setorial e amplia o campo das funções sociais atribuídas à agricultura familiar. Tais funções, a saber, compreendem: a) a reprodução social e econômica das famílias; b) a segurança alimentar das famílias rurais e da sociedade; c) a manutenção do tecido social e cultural dos territórios; d) conservação dos recursos naturais e da paisagem rural.

Neste sentido, o presente trabalho tem por objetivo verificar se a produção agrícola das famílias do Assentamento Renascer, localizado no município de Canguçu/RS, encontra-se voltada para a garantia e a promoção da segurança alimentar delas próprias e da sociedade como um todo. Vale dizer que este objetivo está vinculado a uma das funções que a agricultura familiar deve desempenhar no que concerne à perspectiva da multifuncionalidade.

2. METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa qualitativa que partiu, inicialmente, de uma revisão teórica em torno da categoria analítica da agricultura familiar e noção teórico-analítica da multifuncionalidade da agricultura. Posteriormente, foi realizada a pesquisa de campo, onde foram entrevistadas quinze famílias assentadas a partir de um roteiro de questões semiestruturado.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Um dos enfoques trazidos pela multifuncionalidade da agricultura diz respeito ao provimento de alimentos para as famílias dos agricultores e ao conjunto da sociedade. Logo, ao abordar a agricultura a partir da função de promover a segurança alimentar, é fundamental levar em consideração os dois sentidos a ela associados, ou seja, “[...] o da disponibilidade e acesso aos alimentos e o da qualidade dos mesmos” (MALUF, 2003, p. 142). Portanto, o acesso a alimentos pelas famílias rurais em quantidade suficiente e em termos de qualidade, aliadas ao abastecimento da sociedade é o ponto nodal atribuído ao desempenho desta função que a agricultura deve cumprir.

Destarte, com relação à produção para o autoconsumo no âmbito das famílias entrevistadas, observa-se o cultivo de legumes e verduras, como feijão, feijão de vagem, mandioca, batata doce, abóbora, milho, amendoim, couve, couve-flor, cenoura, alface, rúcula, repolho, pepino, beterraba, tomate, pimentão, alho e cebola, de frutas, entre as quais se destacam melancia, uva, laranja, bergamota, limão, caqui, goiaba, pêssego, ameixa, figo, butiá, morango, amora, melão, romã e araçá. Além de produtos de origem animal, tais como ovos, carne, leite e mel.

Fica evidente que todas as famílias entrevistadas têm produção para o autoconsumo, marcada pela diversidade de produtos cultivados nos lotes familiares. Nesta direção, Corona e Ferreira (2012) apontam que a produção destinada ao autoconsumo compreende:

[...] um importante espaço para a reprodução social das famílias porque garante uma alimentação de melhor qualidade para a família, além de ser um modo de preservar saberes tradicionais dos agricultores quanto à diversidade da produção e cuidados com os recursos naturais, inovando com técnicas de menor custo e baixo impacto ambiental. É um espaço de manutenção da identidade dos agricultores, que se reconhecem e se satisfazem mediante seus vínculos com a terra. (CORONA; FERREIRA, 2012, p. 149)

Já em relação aos produtos agrícolas cultivados nos lotes para atender às demandas do mercado, denota-se que, entre eles, estão o arroz orgânico, o leite, a soja, o mel, além de cabeças de gado. Em menor número, outros produtos orgânicos como feijão, morango, amora, alho, amendoim e mandioca, bem como

a fabricação de cucas, bolos, doces, biscoitos e rapaduras. Assim, o arroz orgânico, cultivado por cinco famílias, é comprado pela Cooperativa dos Trabalhadores Assentados da Região de Porto Alegre (COOTAP). Assim, o arroz orgânico, cultivado por cinco famílias, é comprado pela Cooperativa dos Trabalhadores Assentados da Região de Porto Alegre (COOTAP).

Por sua vez, a produção leiteira empreendida pelas famílias entrevistadas é comercializada tanto para a Cooperativa Terra Livre, que compra a maior parte do leite produzido pelos entrevistados e para a Cooperativa Mista de Pequenos Agricultores da Região Sul (COOPAR/POMERANO), para quem apenas uma das famílias destina a sua venda. A Cooperativa Terra Livre busca o leite um dia sim e outro não nos lotes das famílias e a COOPAR/POMERANO executa o carregamento do produto de três em três dias.

A sojicultura, desempenhada por quatro das famílias entrevistadas no Assentamento Renascer, é vendida para um indivíduo do município de Canguçu, que possui silos em outra localidade da zona rural do referido município e realiza o armazenamento dos grãos para dar, posteriormente, o devido destino. Uma das famílias entrevistadas mencionou que cultiva a soja em parceria com um colono, que mora próximo ao local de origem da família antes de a mesma ser assentada.

A produção de mel, realizada por duas famílias entrevistadas para atender demandas externas, é comercializada *in natura* para uma empresa do Estado de São Paulo e para a indústria PRODAPYS, que, posteriormente, o emprega em diversos produtos alimentícios e do ramo da cosmética, bem como vendida por uma das famílias na Feira Sabores da Terra, realizada semanalmente, na cidade de Canguçu, juntamente com outros agricultores familiares.

Ainda, oito famílias relatam vender ovelhas, vacas e porcos tanto para empresários do município de Canguçu que possuem abatedouro, açougue e hotel e demandam, por consequência, quantidades excessivas de carne, bem como para os vizinhos do Assentamento e para parentes que moram longe e que não criam os animais para consumo próprio. Os animais vendidos para quem possui abatedouros são comprados vivos e aqueles comercializados entre a vizinhança do assentamento e os parentes mais distantes do mesmo são carneados pelas famílias antes de proceder as vendas.

Finalmente, duas famílias cultivam, respectivamente, morango e amora, e vendem os produtos para uma agroindústria situada próximo da área urbana de Canguçu e que trabalha com a produção industrializada de doces. E, outra família, que trabalha com a produção de biscoitos, cucas, bolos, doces, os quais são comercializados mediante a demanda dos vizinhos do assentamento.

Como pode ser observado, há uma variedade de produtos agrícolas que são comercializados pelas famílias assentadas para atender demandas atinentes ao mercado, evidenciando, por seu turno, a diversidade dos canais curtos (CC) pelos quais as vendas são realizadas e que podem ser visualizados através do comércio realizado nos lotes familiares, com a própria vizinhança, na feira de produtos da agricultura familiar e, ainda, nas compras efetuadas por agroindústrias locais. O que reforça que:

As propriedades em CC são mais diversificadas, trabalhando simultaneamente com uma ampla gama de produtos vegetais (olericultura e fruticultura, na maioria) e de origem animal (ovos, queijo, leite e derivados, embutidos, mel). Se, por um lado, essa alta diversificação é desejada, por ser coerente com os princípios do manejo agroecológico, por outro, torna o planejamento produtivo mais complexo. (DAROLT; LAMINE; BRANDEMBURG, 2013, p. 10)

As diferentes formas de vender os produtos agrícolas corroboram a fim de que as famílias assentadas consigam adquirir renda para se manter no meio rural em condições dignas e, paralelamente, se reproduzir social e economicamente. Para tal, “essa multiplicação de formas de comercialização direta em circuitos alternativos deve ser constantemente acompanhada e avaliada para que sejam garantidos os princípios de equidade, solidariedade e sustentabilidade [...]” (DAROLT; LAMINE; BRANDENBURG, 2013, p. 13)

4. CONCLUSÕES

Pode-se inferir, deste modo, que todas as famílias assentadas do Renascer produzem para atender as demandas internas dos lotes familiares, o que fica marcado por uma diversidade de produtos. Além disso, boa parte da produção empreendida pelas famílias assentadas se volta para a comercialização, quer por intermédio dos canais curtos, quer para indústrias convencionais.

De todo modo, tanto a produção para o mercado como aquela destinada ao autoconsumo corroboram para a reprodução social e econômica dos grupos familiares entrevistados. Sendo, ainda, que a produção para o autoconsumo é primordial, pois ela garante aos grupos familiares uma alimentação de maior qualidade, mediante a autonomia que possuem ao poder decidir o que plantar e consumir cotidianamente.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CORONA, H. M. P.; FERREIRA, A. D. D. As estratégias de reprodução social da agricultura familiar em suas múltiplas inter-relações. In: FERREIRA, A. D. D. et al. **Do rural invisível ao rural que se reconhece**: dilemas socioambientais na agricultura familiar. Curitiba: Ed: UFPR, 2012. p. 109-174.

DAROLT, M. R., LAMINE, C., BRANDENBURG, A. A diversidade dos circuitos curtos de alimentos ecológicos: ensinamentos do caso brasileiro e francês. **Revista Agriculturas**: Experiências em Agroecologia. Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p. 8-13, junho de 2013.

CARNEIRO, M. J.; MALUF R. S. (Orgs.). **Para além da produção**: multifuncionalidade e agricultura familiar. Rio de Janeiro: MAUAD, 2003.

MALUF, R. S. A multifuncionalidade da agricultura na realidade rural brasileira. In: CARNEIRO, M. J.; MALUF, R. S. (Orgs.). **Para além da produção**: Multifuncionalidade e Agricultura Familiar. Rio de Janeiro: MAUAD, 2003. p. 135-152.

WANDERLEY, M. de N. B. Agricultura familiar e campesinato: rupturas e continuidade. **Estudos Sociedade e Agricultura**, Rio de Janeiro, CPDA/UFRRJ, n. 21, p. 42-61, 2004.

WANDERLEY, M. de N. B. O agricultor familiar no Brasil: um ator social na construção do futuro. In: PETERSEN, Paulo (Org.). **Agricultura familiar camponesa na construção do futuro**. Rio de Janeiro: AS-PTA, 2009. p. 33-45.